

■ Sobre a subjetividade: (re)-ver conceitos, expor considerações

HEDER CLEBER DE CASTRO RANGEL

Graduado em Comunicação Social pela UFPE, especialista em Língua Portuguesa (Ufal) e doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Ufal. É também professor da Fits, Cesmac e Fal

Resumo: Reflexão sobre a subjetividade quanto ao entendimento dos caminhos do sujeito do discurso, o qual estabelece relações cotidianas em todos os níveis, essencialmente no tocante à utilização da linguagem publicitária, segundo a perspectiva da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, juntamente a interlocuções com Bakhtin, Lukács e outros teóricos.

Palavras-chave: lingüística; análise do discurso; subjetividade; publicidade

Résumé: Réflexion sur la subjectivité concernant la compréhension des chemins du sujet du discours, qui établit des relations quotidiennes dans tous les niveaux, plus particulièrement dans le cas de l'emploi du langage publicitaire, d'après la perspective de l'Analyse du Discours (AD) d'orientation française, y compris l'interlocution avec Bakhtin, Lukács et d'autres théoriciens.

Mots-Clés: linguistique; analyse du discours; subjectivité; publicité

Introdução

Por entre objetivações e subjetivações do ser humano, encontramos a linguagem. Os aspectos relacionais das atividades que se incorporam em todos os âmbitos da vida em sociedade mostram, a nosso ver, a importância dessa força lingüística, diante da qual muitos estudiosos repousam seus olhares investigativos sobre a dimensão, origem, experiência e demais fatores a ela inerentes, dado o seu valor e encantamento.

Por intermédio do propósito da Análise de Discurso, teoria com a qual mantemos um diálogo mais próximo para tentar examinar os efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos em suas materialidades, ratificados em seus discursos, queremos aqui refletir, em um empreendimento de observação, os movimentos da categoria sujeito, os quais se fazem e se refazem no conjunto das práticas da vida social.

De início queremos destacar a questão sobre a condição do sujeito, a qual engloba algumas postulações científicas: a) a que se vincula ao idealismo, que apresenta mediação por meio de posicionamentos ditos uníssonos e encampa condições ideais na disposição da estrutura; b) a que abrange os campos investigativos da psicanálise freudiana, demarcada por métodos analíticos do inconsciente humano; e c) a que se apresenta através das condições e traços históricos e ideológicos, ancorada na perspectiva do materialismo histórico. É precisamente por esta última instância que gostaríamos de estudar/verificar a abrangência dos caminhos do sujeito.

De antemão sabemos que refletir sobre o sujeito não é um trâmite muito fácil; contudo, entendemos que, por isso mesmo, é importante que o inquiramos, tanto por ele fazer parte do cerne das ciências humanas — arcabouço maior da área que abraçamos como intento de pesquisa —, como também por sua forte presença no *corpus* de nosso trabalho de doutoramento, os textos discursivos publicitários.

A teoria a que nos filiamos é a Análise do Discurso, de origem francesa, a qual contempla em suas bases a sujeição e admite que, no processo de funcionamento da linguagem, sujeitos são afetados pelo inconsciente e pela ideologia. Contudo, ao seguir o curso de uma disciplina de entremeio, a AD¹ não se mantém estática, incorpora mudanças operacionalizadas em primeira instância por seu fundador, Michel Pêcheux, que, a nosso ver, abre a discussão científica revendo suas postulações, uma vez que, já a partir de uma série de questionamentos postos no texto “A Análise de Discurso: três épocas”,² o autor apresenta reflexões acerca das possibilidades dos movimentos pertinentes aos espaços discursivos.

É por esse viés que nós também queremos (re)inscrever algumas considerações sobre esse sujeito que marca, demarca, escapa. É intenso, suave, forte, escorregadio, impreciso. Em suma, acreditamos que ele se instaura e se (re)instaura por entre os vieses interativos da vida em sociedade.

Subjetividade: um arcabouço determinante das relações sociais

Repetimos que traçar uma linha regular de entendimento/raciocínio/compreensão sobre o sujeito é uma tarefa árdua. Não queremos encontrar respostas definitivas; no entanto, lançamo-nos ao processo de discernimento sobre o sujeito, com amparo em algumas concepções e estudos já realizados acerca do assunto e em reflexões advindas do discurso publicitário.³

É precisamente para esse debate que trazemos o pensamento do materialismo histórico, cuja busca de soluções se encontra também por entre os caminhos da objetividade. Mészáros (2004, p. 58), nos diz que “[...] fomos levados a aceitar, sem questionamento, um determinado conjunto de valores ao qual se poderia opor uma posição alternativa bem fundamentada, juntamente com seus comprometimentos mais ou menos implícitos”. Assim, inserimo-nos por entre uma confluência de práticas

¹ Teoria da Análise do Discurso, doravante a denominaremos assim.

² Cf. Pêcheux, Michel. In: Gadet & Hak, 1997, p. 311.

³ O discurso publicitário é a forma através da qual constituímos nosso objeto de pesquisa, que tem como *corpus* os textos de uma campanha publicitária assinada pela Associação Brasileira de Agências de Publicidade (Abap) e outras entidades ligadas à comunicação publicitária.

— reflexão, confronto, crítica, refração etc — que existem na cotidianidade dos sujeitos, dos seus saberes e dos sentidos que ocorrem ininterruptamente.

Esse pensamento possui aspectos de uma disposição sociodialética e, por isso mesmo, sua ocorrência não é estática, apresentando-se, antes, viva e vivificada por um intercâmbio de prática social da linguagem, produzida e reproduzida por sujeitos discursivos e históricos.

Sem esquecer que as bases postulares da AD apresentam o que denominamos de “a resistência do processo discursivo do sujeito assujeitado” — uma clara influência de Althusser, principalmente, e também de Foucault —, queremos analisar como os sujeitos se deslocam por entre seus traços discursivos.

O ser social e suas contradições

O viver, existir; estar com vida; entreter relações, tudo se caracteriza como uma força contínua e autômata (FERREIRA, 1996). Talvez por isso os seres humanos desejem um mundo de funções, de regularidades. De acordo com Heller (apud Voese, 2003, p. 160-161), “o homem particular se identifica assim de maneira espontânea com o sistema de hábitos e exigências que permitem sua autoconservação, que fazem de sua vida algo o mais ‘cômodo’ e sem conflitos possível”.

No entanto, ao verificarmos as ocorrências cotidianas advindas dos lapsos, equívocos, das escolhas, falhas, interferências etc., vemos que essas movimentações podem nos provar o contrário. E, mais, ao observarmos o funcionamento da linguagem — suas formas e sentidos —, encontramos o ponto nodal das relações sociais, ou seja, os sujeitos que interagem cumulativamente em processos que acontecem nas mais diversas contextualizações. Situações que, como essas, não fogem às interpretações porque “sujeito e sentido são correlatos, na medida em que se produzem como efeito” (LEITE, 1994, p. 152); ou, como também

entendemos, numa disposição em que os efeitos se produzem como sentidos.

Diante disso, o que parece plano, estável, assegurado por um conjunto de fatores comuns aos seres humanos, sua vivência, afeta — pela série de atividades inerentes ao dia-a-dia — e é afetada, simultaneamente, por linguagens verbais, orais, gestuais, entre outras. Seguindo esse raciocínio, algumas indagações nos parecem pertinentes: na práxis, o que é e como é ser um, único, inteiro? O que é ser um sujeito dono do seu dizer e do seu discurso?

Os entremeios de como o sujeito ingressa socialmente pelas práticas da/na língua por meio da interatividade pertinente aos grupos/núcleos de família, escola, amigos, trabalhos etc. são, a nosso ver, aspectos que podem ser examinados pela mobilidade de fatores inerentes ao significante (envoltos de sentido no cerne e nas desenvolturas languageiras, em todos os níveis), sem que se deixe, contudo, de verificar as bases pertencentes à significação lingüística. É essa força material e humana convergente que se entrelaça e faz parte de nossas considerações metodológicas.

Dentro desse contexto, entendemos que é como o discurso se diz presente: por suas mobilidades, amoldando-se às determinações sociais, influenciando-se pelos sistemas ideológicos.

A nosso ver, esse marco não apenas delimita uma compreensão maior sobre as interfaces do sujeito, como também enfatiza o viés de uma topografia relacional entre o sujeito e o objeto, os quais desembocam nos parâmetros do discurso (AMARAL, 2005).

Com base nessas considerações, chegamos ao que nos parece ser um campo de evidências, à medida que mais questionamentos se fazem presentes: se somos seres que não se estranham com atitudes cotidianas, profissionais, de lazer etc., por que, então, as realizamos através de uma linguagem em comum? As formações que se estabelecem discursivamente estão postas como

artefatos e deles somos sujeitos? A integralidade das relações sociais é ideológica (lembrando Althusser: “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”)? Todos os efeitos já estão postos nos espaços do interdiscurso? No intradiscurso, o sujeito “esquece” sua individualidade e se faz sujeito de um efeito metafórico?

Formular indagações sempre nos pareceu uma tentativa de encontrar questões relevantes, mas as vozes do estruturalismo ecoam marcantes por sobre possíveis respostas. A nosso ver, uma discussão sobre o que chamamos de determinação imputada ao inconsciente emerge dos passos marcados pelo sujeito assujeitado. Fomos buscar em Leite (1994, p. 185 e 186) informações que perpassam esse ponto de reflexão.

Se por um lado o estruturalismo foi eficaz na eliminação de um sujeito psicológico, em função da incidência radical de suas críticas à própria noção de um sujeito consciente do conhecimento, por outro, e não sem relação com este fato, entronizou no lugar aí deixado vazio a estrutura, conceito que, pelo menos no campo dos estudos da linguagem, não se articulou com qualquer efeito de subjetividade ou subjetivação, isso é, o conceito de estrutura não inclui um sujeito por ela afetado.

Ou, de outra maneira, mas no mesmo enfoque, diz-se “que o sujeito se marca no discurso por um mecanismo enunciativo [...] em contrapartida, também o discurso se inscreve no sujeito. [...] isso resulta no *apagamento* do sujeito” (GUIMARÃES; ORLANDI, 1988, p. 24).

A despeito do conhecimento descrito de um sujeito determinado, analisamos se a formação discursiva, categoria que cumpre uma função social de significância simbólica em diferentes práticas, inclusive a de regular sentidos, se amolda pelos movimentos do processo histórico-social de classes, os quais, segundo nosso ponto

de vista, instauram novos posicionamentos de sujeitos, a depender de suas práticas.

Buscamos entendimento sobre a feitura do discurso na forma-sujeito, pela qual, por intermédio do locutor e do enunciador,⁴ se registram as identificações sociais do acontecimento (o perceptível, visível, audível etc.) e também, concomitantemente, a composição do discurso ora retratado, articulado.

À guisa de melhor esclarecimento, evocamos Amaral (2005, p. 77), que diz: que “é no discurso — espaço do encontro entre a língua, a história e a ideologia — que a singularidade (sujeito empírico) e a universalidade (enunciador universal) se encontram e se superam para dar lugar ao sujeito do discurso”. No dizer de Lukács, a fórmula singularidade + universalidade é igual à particularidade: tríplice aliança social e ideológica.

E, nas palavras de Brandão (1993, p. 35), um pensamento se alinha à elaboração estrutural da língua e à do histórico-social: “os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso [...]”. Assim, passamos a compreender o desenrolar de sujeitos ativos, produzindo sentidos e não meros reprodutores de palavras em situações descontextualizadas. Ou, como está posto por Orlandi (2000, p. 50), “O dizer tem história. Os sentidos não se esgotam no imediato. Tanto é assim que fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores”.

Ao expor reflexões processuais que compõem os espaços de estudos sobre o sujeito, integralizados, nessa atividade, pelo viés da AD, é possível afirmar que, mesmo admitindo a sujeição como princípio norteador de sua epistemologia, a teoria também permite a compreensão de “determinados movimentos do sujeito, ainda que sempre produzindo novos sentidos” (GRIGOLLETO, 2005, p. 66).

Desse modo, concordamos com o que nos é apresentado pela autora (ibidem): “essa ruptura não significa o apagamento de saberes que circulavam e eram

⁴ Componentes do processo discursivo.

dominantes. [...] O que rompe são os sentidos e não, necessariamente, os saberes”.

Caminhando pelo viés dicotômico de nossas reflexões sobre a AD, entendemos que a provocação lacaniana de que “só há causa daquilo que falha” nos parece também pertinente no que concerne a uma investigação das atividades entre sujeitos. Porém, “é preciso discernir o que falha não por pretensão com isso se amparar definitivamente no verdadeiro [...]” (PÊCHEUX, 1988, p. 299).

Entendemos que esses lapsos não se dão, inteiramente, pelos domínios do inconsciente. E que a linguagem, plena de palavras, expressões, situações, disposições, ocorre por diversas e diferentes intenções em que o sujeito não é uma unidade gestora de tudo. As articulações estão nos procedimentos do cotidiano, e estes são heterogêneos, dialéticos.

Uma investigação sobre o sujeito “que escapa”

Nossa intenção é apresentar os caminhos do sujeito/autor, dialógico, relacional, responsivo/ativo na (re)construção de um pensamento subjetivo. Ou, como gostamos de nomeá-lo, um sentido subjetivo e dialético — espaço de estudo que ainda necessita de maiores investigações e melhores esclarecimentos.

Entendemos que o ser humano, diuturnamente, alimenta o desejo de compreender por inteiro as expressividades humanas, não importando se elas são impressas, faladas, noticiadas, imagéticas etc. Isso nos leva a creditar que, de uma forma ou de outra, pensar os meandros em que a subjetividade se enreda é uma preocupação fenomênica de grande relevância. Tal busca tem suscitado diversos trabalhos científicos.

Em boa parte dos textos que tenho publicado, a questão do sujeito ou é o foco principal ou, no mínimo, é aludida. Creio que isso se deve ao fato de que tenho entendido (juntamente com a maioria

das pessoas que lê análise do discurso) que a grande disputa da AD com outras disciplinas se organiza basicamente em torno dessa questão (POSSENTI, 2003, p.27).

Concordamos com o que está expresso em Possenti (2003, p. 27), e, por essa fresta, queremos empreender uma tentativa de buscar argumentos novos (ou renovados nos que já foram trabalhados anteriormente) sobre a questão em foco, posicionando-nos pelo entendimento “[...] do caráter incompleto e movente da identidade do sujeito a partir de observações dos espaços subjetivos, os quais se criam na relação entre sujeito, língua e ideologia” (DE NARDI, 2005, p. 158).

Particularmente, nesse ato, desejamos verificar as bases teórico-conceituais do ser social caracterizado por “uma subjetividade objetivada, isto é, um sujeito que possui história, por isso, limites na construção ideal e efetiva de suas realizações” (MAGALHÃES, 2003, p. 79).

Seguindo essa trilha, descortinam-se os meios de convivência humano-social. Esta, por sua vez, é, concomitantemente, singular, individual, coletiva, universal, particular. Portanto, seus traços assemelham-se, diferenciam-se, excluem-se, distribuem-se pelas veredas da práxis.

Assim, entendemos que o *modus operandi* do conhecimento humano se dá por direções que apontam a capacidade de ser/estar não de forma estática, passiva, ou por outra, autômata, voluntária. Suas interações possuem a força dos acontecimentos e/ou maneiras de agir. Magalhães (ibidem, p. 79) afirma que “é nessa relação que se consubstancia a força do sujeito/autor”. E, para nós, esse posicionamento de sujeito/autor é multifacetado, incorpora a estrutura da enunciação configurada nos vieses sociais e objetiva-se nas dinamicidades cotidianas, práticas, reais.

Dessa maneira, os indivíduos se fazem, se refazem e se definem processualmente. A consciência de fazer-se

sujeito interage pelos fios que conduzem o aspecto dialógico da linguagem, unindo-se à necessidade de um convívio com outros homens, constituindo-se pelas finalidades, limites e possibilidades de uma relação objetiva-subjetiva e/ou vice-versa.

Segundo Cavalcante (2005, p. 5), “É nesse processo que se constitui o sujeito, e as marcas que imprime em seu discurso carregam o histórico e o ideológico das relações que cada sujeito estabelece com o mundo, ou seja, a história da atuação desse sujeito no mundo”. Perscrutar as ações ativas do sujeito tem a ver com o materialismo histórico que “baseia-se na explicação da nova processualidade do ser que surge [...]” (MAGALHÃES, 2005, p. 3).

Nesse intento, essas reflexões conduzem ao que podemos chamar de núcleo inaugural de uma abordagem do discurso, identificável pelas subjetividades que expressam posições sociais imbricadas em teias relacionais. É o que Voese (2003, p. 167) chama de “dimensão dialógica discursiva”. Tal posicionamento, para nós, ocorre pelo sujeito/autor, dialógico, relacional, responsivo/ativo, que tenta posicionar-se pela (re)construção da própria subjetividade.

Portanto, desvinculamo-nos de uma concepção idealista da linguagem, por ver o sujeito interativo, “capaz de fazer escolhas conscientes sobre a objetividade, imprimindo sua marca nele” (MAGALHÃES, 2003, p. 86). Os envolvimento dos indivíduos — suas realizações lingüísticas, inclusive — movimentam-se processualmente, sendo formadores/reformadores, inseridos em organizações sociais que exprimem ideologia, memória e sentido pelos atos de apropriações/re-apropriações que admitem falhas, lapsos e ambigüidades, também.

Toda proposta é uma medida de saber que surge pelos níveis de um estabelecimento e de um deslocamento que se espriam por entre pessoas, mundo, ações, reações. No dizer de Magalhães (2005, p. 8), “Há um nexó entre subjetividade, sociedade e produção das idéias”. Ou seja,

há vida na subjetividade. Ela é dinâmica pelo sujeito que constrói, se constrói. O sujeito é, simultaneamente, perpassado, interpelado, causa e conseqüência. A nosso ver, essa é uma posição que se abre por uma perspectiva de confrontos, que incorpora características pertinentes à pluralidade de linguagens das cenas discursivas.

Acreditamos que o sujeito se constitui pelas instâncias de práticas sociais, as quais se revelam nos sentidos discursivos que funcionam pelo dizer e não-dizer, por implícitos e silenciamentos, nos traços advindos da dialogia, polifonia, interdiscurso etc., os quais são, para nós, sujeitos de vez e de voz.

Portanto, não podemos colocar um ponto final nem arrematar um grande final ao caráter processual inerente à abordagem que estamos tentando apresentar.

Uma de nossas intenções é, por um lado, verificar no discurso publicitário, ou seja, pelo funcionamento lingüístico, a capacidade do ser social cujas finalidades são:

- a) fazer a comunicação entre os seres, sem a qual não há generidade, sendo o sujeito o mediador do discurso;
- b) “Possibilitar o pensar por objetivo — teleologia, sem a qual não há individualidade, sendo o sujeito aqui, criador do novo — objetos e, inclusive, discurso “ (MAGALHÃES, 2003, p. 77).

Por outro lado, cabe observar ainda questões relativas à ideologia, ou seja, as idéias que circulam como formas de poder, as quais vivenciamos e desempenhamos cotidianamente. Dizendo melhor, os sujeitos estabilizam posicionamentos simbólicos determinados, orientados por lógicas internas que abrangem procedimentos, valores, normas, pensamentos e convenções nas práticas sociais, as quais funcionam pela ideologia, por meio de uma razão imprescindível que se movimenta nas contextualizações de linguagem, mundo, coisas, cotidiano, afazeres, ações/reações, produções/contraproduções etc.

Cada formação ideológica estabelece um campo discursivo de autoridade onde o sujeito acredita expressar seu próprio discurso, “esquecendo-se” da existência de confrontos e atravessamentos na relação desse discurso com outros discursos exteriores.

Desejamos, pois, por meio do objeto de nossa pesquisa, esquadrihar uma direção de entendimento sobre os caminhos da subjetividade, os quais, expostos no *corpus* que selecionamos, os textos discursivos publicitários de uma campanha da Associação Brasileira de Agências de Publicidade (Abap).

O que existe de ponto final?

A pesquisa é sempre uma fotografia de um momento, a qual, invariavelmente, se movimenta por ângulos escolhidos, limitados pelo tempo, pelo espaço e é feita dentro de ancoragens em focos previamente estabelecidos.

É preciso dizer também que não podemos colocar um ponto final nem arrematar um término em torno das reflexões tratadas neste artigo. Elas possuem caráter processual.

Demarcamos aqui o início de um percurso de aprendizagem sobre a subjetividade. O presente artigo integra as preocupações da nossa pesquisa de doutorado, a qual tem como objeto de análise o discurso publicitário. Assim, cremos necessitar de maior familiaridade com alguns procedimentos para a realização desse processo e, por conseguinte, poder melhor definir o dispositivo analítico que possa dar conta da natureza do material escolhido e das questões de nossa problemática, para consubstanciar a forma de interpretar os dados, observar os sujeitos e tentar compreender como eles produzem sentidos.

Assim, acreditamos fazerem parte do cerne de todo trabalho acadêmico a dispersão e a convergência de leituras possíveis, para além do que ora é proposto, uma vez que, ao fazer um recorte em algum objeto de investigação, chegamos a um determinado limite daquele “acontecimento” (PÊCHEUX, 2002). É nesse ponto de

satisfação momentânea que nos encontramos agora. Sabemos ainda que é fala comum dizer que alguma abordagem sobre determinado assunto não se esgota. Mesmo assim, importa dizer. Tanto pelo fato de que todo texto é incompleto, quanto pela necessidade de sempre existirem mais pesquisas nos vários campos das humanidades. E, por isso mesmo, grandes estudiosos têm pesquisado sobre a lingüística em todo o mundo, e os trabalhos apresentados mostram a importância de seus pontos de vista acerca do fenômeno da linguagem.

É nossa esperança que essas considerações possam servir de abertura para o conhecimento complexo numa sugestão de novos estudos à pesquisa na área da Análise de Discurso.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AMARAL, Maria Virgínia Borges. *Discurso e relações de trabalho*. Maceió: Edufal, 2005.

BRANDÃO, Maria Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DE NARDI, Fabiele. Identidade, memória e os modos de subjetivação. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

GRIGOLETTO, Evandra. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. In FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; SANTOS, Elmo José dos (Orgs.). *Estudos da língua(gem)*. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, nº 1, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni. In ORLANDI, Eni (Org.). *Sujeito e texto*. São Paulo: Educ, 1988.

LEITE, Nina. *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

LUKÁCS, George. *Per una ontologia dell'essere sociale*. Roma: Ruinit, 1976.

MAGALHÃES, Belmira. O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário. In: VOESE, Ingo (Org.). *Linguagem em discurso*. Tubarão: Unisul, 2003. v. 3 (número especial).

_____. *Ideologia, sujeito e transformação social*. Sead. 2005. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead/doc/ideologia/belmira.pdf>>

MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Fontes: 2000.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. A análise de discurso: três épocas. Trad. de Jonas de A. Romualdo. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. Dez observações sobre a questão do sujeito. In: VOESE, Ingo (Org.). *Linguagem em discurso*. Tubarão: Unisul, 2003. v. 3. (número especial).

VOESE, Ingo. (Org.). *Linguagem em discurso*. Tubarão: Unisul, 2003. v. 3 (número especial).